

Plotino e o Neoplatonismo: Um resumo comentado

Carlos A. P. Campani
campani@ufpel.edu.br

Este trabalho é um resumo do estudo efetuado na bibliografia sugerida ao final do texto, principalmente baseado nos artigos de Edward Moore [1,2]. Procuramos relacionar as principais idéias de Plotino e do neoplatonismo com a tradição hermética, o gnosticismo e a cabala.

Neoplatonismo é o termo usado para designar o período da filosofia Platônica, iniciado com o trabalho de Plotino, e terminado com o fechamento da Academia Platônica, pelo Imperador Justiniano em 529 d.C. O neoplatonismo é descrito como um ramo "místico" ou de natureza religiosa do Platonismo. As origens do neoplatonismo remontam às escolas de pensamento como o gnosticismo e a tradição hermética. Um outro fator neste sincretismo foi o acesso dos gregos às escrituras judaicas, via a tradução que ficou conhecida como Septuaginta. O neoplatonismo teve imensa influência no misticismo medieval e humanismo renascentista. Não é difícil perceber semelhanças com alguns aspectos da cabala dogmática e luriânica.

O Platonismo, escola da filosofia clássica grega que tem seu início com as idéias de Platão, baseia-se na compreensão da existência de dois tipos de conhecimento, um conhecimento sensível, relativo e mutável e um conhecimento intelectual, universal e imutável. Para Platão, o conhecimento racional tem um objeto próprio, que são as Idéias eternas e universais. Assim, o mundo divino é constituído pelas idéias eternas. O mediador entre estas Idéias e a Matéria é chamado de Demiurgo. Isto estabelece um dualismo dos elementos constitutivos do mundo material, ser e não-ser, ordem e desordem, bem e mal. Da Idéia vem todos os elementos positivos, racionais, e da Matéria, indeterminada, informe, mutável, irracional, provém todos os elementos negativos da experiência [6].

O fundador e principal expoente do neoplatonismo foi Plotino, discípulo de Amônio Saccas, que nasceu no Egito em 204 d.C. e morreu na Campania (Itália) em 270 d.C. [5]. Plotino é considerado um pensador profundo e complexo, cujo rigor de pensamento torna suas idéias de difícil compreensão. A sua obra maior é "As Eneadas" [4], obra compilada por seu principal aluno, Porfírio, que a organizou na forma de seis livros (as eneadas) cada um deles composto por nove tratados.

Plotino respondeu ao desafio de explicar o surgimento do cosmos aparentemente inferior e imperfeito da mente perfeita da divindade, propondo que toda a existência objetiva não é mais que a auto-expressão externa de uma deidade inerentemente auto-contemplativa, que ele chamou de Uno (to hen). Ele compara a expressão da divindade superior com a auto-expressão da alma individual, que progride da concepção perfeita da Forma (eidos), para uma expressão sempre imperfeita desta Forma em uma personalidade materialmente derivada. Esta redução da essência divina na temporalidade é um momento necessário para completar a expressão do Uno.

A cosmologia de Plotino é baseada em três hipóstases: o Uno; a Inteligência (Nous); e a Alma. Da unidade produtiva destes três Seres é que toda a existência emana. O sistema de Plotino não aceita a creatio ex nihilo (criação do nada), devendo o Universo emanar de Deus, não por uma criação espiritual, consciente e voluntária, mas por uma emanção naturalista, necessária e afinalista, procedendo eternamente Dele [6]. Plotino apresenta uma teoria em que a alma é composta de uma parte superior e uma parte inferior - a parte superior sendo imutável e divina, e a inferior sendo o assento da personalidade. Isto produz uma doutrina soteriológica da ascensão da alma para unir-se com sua parte superior.

Interessante observar que o pensamento hermético também apresenta três hipóstases, que correspondem às hipóstases propostas por Plotino: Não-criado; Auto-gerado; e Primeiro-criado. Para o pensamento hermético, o eterno Nous é o Primeiro Intelecto, a Mente. Assim como o pensamento hermético e o misticismo judeu, o pensamento de Plotino só pode ser entendido em uma visão panenteísta, aceitando Deus como possuindo ao mesmo tempo

aspectos transcendente e imanente ao mundo [7].

Para o pensador gnóstico Basilides, Deus (theos aretos), correspondendo ao conceito de Ain Soph dos cabalistas, é seguido por Nous (Mente) ou Logos Sophia (Sabedoria), abaixo do qual estariam as almas [3], o que corresponde às três hipóstases do pensamento de Plotino.

Em sua cosmologia, Plotino enfatiza o deslocamento ou adiamento de presença, recusando-se a localizar tanto o início (arkhe), quanto o fim (telos) dos existentes em qualquer determinado ponto da "cadeia de emanações" - o Uno, a Inteligência, e a Alma. A complexidade e o rigor do pensamento de Plotino é derivado exatamente da tensão entre uma unidade pura e auto-presente, a forma mais alta de existência em sua cosmologia, e a multiplicidade entre os existentes.

Seguindo a denominação de Platão, Plotino chama o criador de Demiurgo. Segundo ele, o Demiurgo não cria realmente nada, apenas governa a natureza puramente passiva da matéria, impondo-lhe uma forma sensível. A forma (eidos) o qual é o arkhe ou princípio produtivo de todas as coisas, estabelece sua presença no domínio físico ou sensível, não através de um ato, mas pela virtude da contemplação expressiva do Demiurgo, que é identificado com a Inteligência ou Mente (Nous).

Esta Inteligência não pode ser referida como a fonte primordial de todos os existentes, já que ela, por si só, subsiste somente a medida que contempla um anterior - este supremo anterior é, segundo Plotino, o Uno, o qual não é nem ser, nem essência, mas a fonte, ou melhor, a possibilidade de toda a existência. O Uno não é nem o início, nem o fim, pois é simplesmente o "stanchion" (suporte, viga) orientacional desinteressado que permite todos os seres reconhecerem-se a si próprios como algo além de um supremo "Eu". Para Plotino, a Alma é o "Nós", isto é, a separada mas comunicável semelhança (homoiotai) dos existentes para a Mente ou Inteligência que contempla o Uno. A simultânea exaustão do Uno como poder gerativo, acoplada com sua alusiva e desinteressada transcendência, faz o posicionamento de qualquer determinada fonte ou ponto de origem do existente, no contexto do pensamento de Plotino, impossível.

O Uno não pode ser compreendido por meio de um processo de raciocínio discursivo. Conhecimento do Uno é obtido através da experiência de seu poder (dunamis) e sua natureza, o qual provê uma fundação (arkhe) e localização (topos) para todos os existentes. O "poder" do Uno não é exatamente um poder no sentido literal do termo, mas o resultado da manifestação de um princípio supremo, que transcende todo o raciocínio discursivo. Este poder do Uno só pode ser experimentado por meio da contemplação (theoria). O Uno transcende todos os seres, e não é ele próprio um ser porque todos os seres obtêm sua existência e subsistência de sua eterna contemplação das manifestações dinâmicas do Uno.

O Uno é melhor compreendido como o centro sobre o qual o "stanchion", a estrutura do cosmos, é erigida. Este "stanchion" ou estrutura é o resultado da atividade contemplativa da Inteligência. O Uno, falando de forma estrita, não pode ser referido como fonte ou causa, desde que estes termos implicam movimento ou atividade, e o Uno sendo totalmente auto-suficiente e auto-contido, não tem necessidade de ação. Porém, Plotino afirma que o Uno de alguma forma "emana" ou "irradia" os existentes. Isto ocorre pois o Uno "transborda" e seu excesso cria um outro que ele próprio. Este outro é a Inteligência (Nous), a fonte do domínio da multiplicidade. Ao voltar-se para si próprio, o Uno vê. É esta visão que constitui a Inteligência. Assim, o Nous é resultado direto da visão do Uno de si próprio.

Semelhante conceito aparece na cabala luriânica, onde Ain Soph recolhe-se em si próprio, se auto-delimita, produzindo a contração ou tsimtsum, o pleroma onde se manifesta o poder de Deus.

Sendo auto-suficiente, o Uno não pode ser propriamente referido como um objeto de contemplação. O que a Inteligência contempla não é propriamente o Uno, mas o poder gerativo que emana do Uno, o qual está além de todo ser e essência (epikeina tes ousias).

O Uno nunca se manifesta completamente, nunca está puramente presente, exceto como um sinal na forma de um poder que ele manifesta, o qual pode ser conhecido apenas por meio da contemplação.

Plotino localiza o primeiro princípio em um ponto determinado fora do Uno, mas firmemente conectado a Ele. Este primeiro princípio é a Inteligência (Nous), o qual contém unidade e multiplicidade, identidade e diferença, e é capaz de ser dividido em formas produtivas ou inteligências (logoi spermatikoi). A capacidade geradora da Inteligência, o primeiro princípio (proton arkhon), é devido ao fato da Inteligência ser derivada do Uno.

A Inteligência é a fundação (arkhe) de todos os existentes, possuindo a habilidade de contemplar ambos, o Uno, como seu anterior, e seus próprios pensamentos, o qual Plotino identifica com as Idéias ou Formas (eide) de Platão. Plotino se refere à Inteligência como Deus ou Demiurgo. Pode-se dizer que a Inteligência produz a ação criativa ou contemplativa, o qual é provocadora da Alma. Para o hermetismo e a religião do antigo Egito, a Entidade Única (que corresponde ao Uno de Plotino) necessita de um mediador para que possa criar. Isto é coerente com o papel desempenhado pela Inteligência (Nous) na cosmologia de Plotino.

Cada determinado existente é produzido pela contemplação, por seu anterior, de uma fonte superior. Assim, como o Uno, olhando a si próprio, produz a Inteligência (Nous), esta através da contemplação do Uno, via as Idéias, produz o logoi spermatikoi (razão seminal) que serve como o poder produtivo ou essência da Alma, o qual é o princípio ativo ou generativo para o Ser, assim como a Alma é, em um de seus aspectos, a plasmadora da Matéria. O Uno não é o Ser, mas o criador do Ser.

O poder do Uno provê uma fundação (arkhe) e localização (topos) para todos os existentes. A fundação é a Inteligência, enquanto que a localização, na qual o cosmos toma forma objetiva, determinada e física, é a Alma. A Alma contempla a Inteligência, sua anterior na "cadeia dos existentes", e estende a si própria, pela realização de seus pensamentos (o logoi spermatikoi), na escuridão da multiplicidade ou Diferença (a qual é identificada, neste sentido, com a Matéria). Desta forma, a Alma gera um cosmos separado e material que é a imagem viva do Cosmos espiritual ou noético.

A parte puramente contemplativa da Alma, que permanece em constante contato com a Inteligência, é referida por Plotino como a "parte superior" da Alma, enquanto que a parte que desce no domínio mutável ou sensível, de forma a governar e diretamente construir o Cosmos, é a "parte inferior", que assume um estado dividido a medida que entra, por necessidade, nos corpos materiais. A Alma, estando em contato com o inferior, a matéria ou pura passividade, é temporariamente corrompida, e esquece o fato que é uma das inteligências, devendo a sua existência à Inteligência, como seu anterior, e finalmente ao poder do Uno. Para Plotino, as almas, mesmo que divididas nos corpos materiais, permanecem unidas à Alma da mesma forma que o raio de luz, ao penetrar em um prisma se divide em diversas cores, permanecendo unido ao raio de luz original. Nesta metáfora, o prisma representa a Matéria, que penetrada pela Alma, a divide em diversas partes.

Como é propósito da alma manter ordem no domínio material, e desde que a essência da alma é uma com a Alma superior, necessariamente persiste no domínio material um tipo de ordem (doxa) que é um pálido reflexo da Ordem (logos) persistindo no domínio da Inteligência.

Plotino afirma que a Alma, em sua parte inferior, passa pelo drama da existência, sofrendo, esquecendo, caindo no vício, etc. enquanto a parte superior permanece inafetada, mantendo-se no governo do Cosmos, enquanto cuida para que todas as almas individuais, eventualmente retornem ao seu estado real e divino. Este retorno, segundo Plotino, consiste em três passos distintos: o cultivo da Virtude, a qual relembra a alma da Beleza divina; a prática da Dialética, a qual instrui a alma sobre seus anteriores e a verdadeira natureza da existência; e a Contemplação, o qual é o ato e modo apropriado de existência da alma.

A Virtude mais elevada, em oposição à Virtude Cívica (aretas politikas), que é meramente a imitação dos bons homens, busca a superação, e é a preparação para o exercício da Dialética. Plotino entendia a Dialética como um processo de gradual extração, a partir da multiplicidade ordenada da linguagem, de um princípio unificador que conduz a Contemplação. Contemplação é uma visão das coisas que são, uma visão da existência. A Contemplação unifica todos os existentes, é o poder unificando o Uno, a Inteligência e a Alma em uma única força intelectual totalmente produtiva, ao qual todos os existentes devem a sua vida.

Matéria, para Plotino, deve ser entendida como um substrato eternamente receptivo (hupokeimenon), no e pelo qual todos os existentes recebem a sua forma. Como a Matéria é completamente passiva, é capaz de receber qualquer e todas as formas. Natureza (physis), no sistema de Plotino, deve ser vista como o resultado da experiência coletiva de cada e toda alma individual, que é o resultado direto da fragmentação das almas em corpos de forma a governar e modelar a Matéria.

Assim, como a Alma divina não pode entrar em contato direto com a Matéria, e como é da natureza da Alma superior permanecer em contato contemplativo com a Inteligência, não podendo descer, como um todo, nas profundezas da diferenciação material, a Alma divide-se a si própria, entre pura contemplação e ato generativo ou governativo. Isto é que provoca a diferenciação da parte ativa da Alma (a parte inferior) em corpos. Natureza, então, deve ser entendida como a reflexão da Alma, sobre a parte física e ativa, de sua eterna contemplação.

Referências

- [1] Edward Moore, Plotinus: Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/p/plotinus.htm>. Acesso em 13 de janeiro de 2007.
- [2] Edward Moore, Neoplatonism: Internet Encyclopedia of Philosophy. Disponível em: <http://www.iep.utm.edu/n/neoplato.htm>. Acesso em: 13 de janeiro de 2007.
- [3] G.W.F. Hegel, Kabbalah and Gnosticism. extraído do Lectures on the History of Philosophy de Hegel. Disponível em: http://www.wbenjamin.org/hegel_kabbalah.html. Acesso: 13 de janeiro de 2007.
- [4] Plotinus, The Six Enneads. Stephen MacKenna e B. S. Page (trad.). Disponível em: <http://www.sacred-texts.com/cla/plotenn/index.htm>. Acesso em: 13 de janeiro de 2007.
- [5] Plotinus. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Plotinus>. Acesso em: 13 de janeiro de 2007.
- [6] Umberto Padovani e Luís Castagnola, História da Filosofia. Edições Melhoramentos, 1978.
- [7] Wim van den Dungen, Hermetism: The Emerald Table. Disponível em: <http://www.sofiatopia.org/equiaeon/emerald.htm>. Acesso em 13 de janeiro de 2007.